Chegando ao sexto capítulo da série (ou o terceiro da nova trilogia iniciada com *Jurassic World*) se há algo que não se pode reclamar é a falta de coerência com suas origens e história. Até porque a questão da manipulação genética esta no cerne desde o primeiro episódio. Se em *Jurassic World* vimos o parque pela primeira vez em funcionamento, Jurassic World – Reino Ameaçado foi usado como um passo adiante na trama, expandido os conceitos já apresentados (o que me leva seriamente, depois de seis filmes, ler a novela de Michael Crichton por curiosidade até onde isso levaria). Além do mais, os capítulos anteriores mantiveram ao mesmo tempo criar um tom critico ao sistema de exploração da natureza quanto um exercício de gênero, principalmente em *Reino Ameaçado* ao transpor sua ação dentro de um contexto de terror clássico.

Assim, Jurassic World – Dominação do diretor Colin Trevorrow mantém essa lógica temática ao mesmo tempo em que reverencia os personagens principais da antiga trilogia pela primeira vez juntos desde o primeiro filme de 1993 (somente Jeff Goldblum participou de *Jurassic Park- Mundo* *Perdido* e fez uma ponta no anterior, ao ponto que Sam Neil e Laura Dern – ela numa ponta – participaram *de Jurassic Park 3*).

Dito tudo isso, portanto, é uma pena que o roteiro de Derek Connoloy e do próprio Trevorrow tente abraçar desesperadamente os conceitos abordados no filme anterior (envolvendo Maisie Lockwood), a questão ambiental empresa *Biosyn*, ao mesmo tempo em que precisa lidar com uma série de personagens. E ainda nem falamos dos Dinossauros em si! Até porque durante quase todo o primeiro ato, parece que os bichos pré-históricos ficam relegados o segundo plano enquanto o filme apostas em perseguições nos telhados dos “países exóticos” como um tradicional filme de espionagem (exercício de gênero) e os tais gafanhotos. Ademais, chega ser decepcionante que a discussão relevante sobre o mundo sempre está a “três pratos de comida da anarquia” devido à ganância de poucos, vire apenas uma piada sobre barra de doce.

Iniciado numa planeta em que a presença dos dinossauros não é mais algo estranho, vemos as consequências que as criaturas podem causar. Além do desequilíbrio na cadeia alimentar em todo o planeta, a presença das criaturas acaba criando outros problemas como comercio ilegal, reprodução não autorizada da espécie e disputas ideológicas. Além do mais a gafanhotos geneticamente modificados ameaçam as plantações mundiais, menos aquelas pertencentes à Biosyn liderados por Lewis Dodgson (Scott, uma fusão de todos esses CEO boa parte do mundo devota ridiculamente). Enquanto isso, o Cowboy (no caso, Dino) Owen (Pratt) e Claire (Dallas Howard) vivem em família com a jovem Maisie (Sermon), sempre a espreita da velociraptor *Blue* e sua cria. Mas após o sumiço dos pequenos, eles partem para o exótico norte da África em busca de resposta, ao mesmo tempo em que Ellie (Dern, carismática como sempre) tenta convencer a Grant (Neil, não muito a fim de estar ali) a investigar os gafanhotos. Nem que seja a contra gosto por solicitar a ajuda a Ian Malcolm (Goldblum sendo Goldblum já está bom).

Trazendo um problema para o montador do filme por atravessar vários lugares distintos em um curto espaço de tempo (Nevada, Texas, Alasca e África), o excesso de personagem acaba criando coincidências pouco convincentes, como o fato de Claire mostrar uma foto dentro de uma multidão para única pessoa que poderia ajudar. Aliás, um dessas novas personagens Kayla (uma segura e ótima DeWanda Wise) parece uma mistura de Han Solo com Laura Croft, mas que cuja função, além de inchar o elenco, é servir como suporte aéreo da turma.

Confundindo correria com ação/tensão , Colin Trevorrow parece ter vários brinquedos caros nas mãos, mas que não se contenta mostrar apenas um. Com uma profusão de Dinossauros a partir da segunda metade do filme, o diretor atira para todos os lados, e se não decepciona, não consegue montar uma grande cena inovadora ou realmente tensa. Não sendo coincidência que o roteiro tente amarrar as tramas quando as gerações se encontram assim o encontro de Grant, Ellie e Ian com Owen e Claire seja uma série de referencias ao filme original numa dinâmica entre eles que, pelo menos, não desponta.

Repito: não cenas ruins (como aquela em que Claire fica subemersa ou até mesmo o embate final das criaturas), mas estão muito além do que já vimos, inclusive com o próprio diretor no filme anterior. Nada que se aproxime da tensão dos velociraptos do primeiro filme, a cena do ônibus da segunda ou tantas outras.

Outro exemplo? A cena do gelo com Kayle e Owen. Claramente inspirada na cena da janela se quebrando com Julianne Moore no segundo filme. Ou no enquadramento em que vimos o *T-Rex* pela janela do Jipe do primeiro filme.

E a maior dessas referencia e no momento que estão todos no mesmo plano perto de um jipe numa contra luz ao fundo (remetendo a uma das assinaturas de Spielberg), mas não é somente isso. Inclusive tem Ian repetindo o mesmo gesto de atrair um dinossauro com uma luz; aliás, uma destas rimas quase passa batido, mas achei engraçada. Num determinado momento, Ian fecha rapidamente a gola da camisa, criando uma rima no filme original em que personagem ficava sem camisa (uma piada recorrente feita com Goldblum). Novamente criando uma rima com o vilão (ou um dos vilões) do primeiro filme, ao trazer a mesma latinha em que foram roubados os primeiro embriões (os respectivos dinossauros que aparecem).

Finalizando ao melhor estilo *“Jurassic Family*” ao tentar apressadamente fechar algumas pontas que ficaram soltas (humanas ou não) sem grandes revelações, *Jurassic World – Dominação* deixa pelo menos a mensagem de coexistente e até certo ponto otimista das criaturas poderem viver finalmente em paz. Se tratando de CEO e grandes corporações não compartilho do mesmo entusiasmo.

Trivial, não abusa da sorte e fecha a saga sem grandes sustos!

Criando uma clara mensagem ecológica, o roteiro ainda traz um  elemento critico quando gafanhotos geneticamente modificados ameaçam as plantações mundiais. E ao trazer a figura do CEO da XXXXXX ainda soa mais atual quando o mundo se vê diante de um salvação através da figura patética como o CEO. Uma mistura de Elon passivo agressivo .

//E mesmo com um roteiro inchado querendo atender várias frentes ao mesmo tempo, ainda assim, consegue evitar que se perca totalmente em suas tangentes. Foca nisso mais!!

Ao mesmo tempo reencontramos xxxx e xxx vivendo junto com a jovem Ellie depois dos acontecimento do filme anterior.

Mundo com Dinossauros e sua adaptação e problemas

Grupo defendendos diretos deles

Desequilíbrio ecológico, comercio ilegal etc

Mudança de tradições Dinocawboys

Mensagem ecológica,

Já in media res , o que era logico

Inicio Jurrassic Family

Montagem tem um trabalho complicado, vários lugares

Nevada , texas, alasca, norte da africa

Ceo empresa vila vista com salvação . Tipo caricatura do Elon musk com o visto não olha para cima

Dinheiro é barato

3 refeicoes da anarquia, entender quanto esse desiquilíbrio afetas todos,

Corporação crimininos ao criar insetos destuir as colheitas que não sejam deles

Não acreditamos que podem ocorrem ate´que acontecem

Encaram gentes e bicho com propriedade intelectual

Inicio muito personagens obriga a concidencias forçadas  ,  pergunta para pilota queem era a garota

Mistura de gêneros com feito no anterior, manteve a logica

Filmes de espionagem BOND, correndo pelo telhados (dinossauros atrás) ganfanhotos geneticamente modificados , Dinossauros acabam ficando um pouco de lado nesse primeiro ato

mas isso não era o mote de JP (Genetica)

gerar tensão mais na correria pelo grupo maior, mas pelo elenco ate que saiu-se bem a união

rimas visuaias , um plano que agradou muito quando se reúnem contra luza jipe , primeiro jurrassic park homenagem

Ian repetindo seu gesto de carregar objeto e chamar a atenção, e um gesto rápido gag e ele fechando a camisa , eles gostava de parece sem

Rima vilão com a lata que iniciou tudo. Morto pelo mesma espécie do primeiro

Helicopetero no final

Final otimista de coexistência, mas infelizmente não compartilho muito . Sempre tem um ceo babaca